
IDENTIDADE: PROCESSO HISTÓRICO DAS INTERAÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Edmilson de Sena Morais¹

RESUMO

Para a teoria social pós-moderna, os Estudos Culturais e o Multiculturalismo Crítico, o fenômeno da identidade se estabelece no constante processo histórico das relações e interações sociais, além da sua pertinência na atual conjuntura onde se acirram os conflitos étnico-culturais. Nessa perspectiva, o presente artigo analisa a questão da identidade étnico-cultural afrodescendente enquanto uma demanda política, social e cultural dentro do contexto maior das relações inter-étnicas e da discriminação historicamente produzida por uma sociedade desigual, reconhecendo o negro - sua cultura, sua história - enquanto sujeito-cidadão com direitos fundamentais plenos e sua participação nos bens socialmente produzidos e na ativa construção da nossa história, bem como a sua efetiva influência nos nossos modos de ser, ver e pensar o mundo.

INTRODUÇÃO

As identidades apesar de serem distintas e de estarem interpenetradas, em algum momento ou lugar, manifestam-se de acordo com as circunstâncias, enquanto característica dos sujeitos culturais nos seus aspectos: étnico, social, individual, político, cultural, enfim, nas mais diversas e inúmeras facetas que elas representam, mas que constituem o indivíduo de uma forma geral.

Os escritos sobre identidade nos revelam que, por conta das suas mais variadas manifestações, hoje, mais do que nunca, torna-se objeto de perscrutação dos cientistas sociais no intuito de entender como ela é construída pelos atores sociais e como se apresenta em seus contextos sócio-histórico-culturais.

O indivíduo, enquanto construção social, resultado dos valores e das relações intrínsecas da sociedade à qual pertence, é construído como sujeito que interage na dinâmica das relações de produção, formas de agir, ser, viver e pensar o mundo, construir, morar, brincar, produzir símbolos, lutar, resistir, enfim, um sujeito histórico. Neste caso, a “identidade é história” (CIAMPA, 2001, p.157), portanto, para ele, “não há personagem fora da história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens.”

¹ Mestre em Educação pelo PPGEduc – Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade - UNEB. Professor Assistente do Departamento de Ciências Humanas – UNEB - Caetité/Ba

OBJETIVOS

Partindo do princípio de que a “identidade é história”, nosso estudo busca, através dos relatos orais dos sujeitos sociais da pesquisa, jovens afrodescendentes de uma determinada área suburbana da cidade do Salvador, o subúrbio ferroviário, como, em seu contexto histórico, social e cultural, interagindo dentro de um projeto técnico-político-pedagógico-educacional – o “Curso de Corte e Costura Étnica” – desenvolvido pelo CONGO CENTRO MÉDICO SOCIAL, (re)construíram e representaram suas identidades.

METODOLOGIA

Pela característica própria do objeto deste estudo, a Identidade Étnica Afrodescendente, optou-se por se desenvolver uma abordagem na perspectiva da pesquisa qualitativa. Essa opção se deve à própria natureza desse objeto, uma construção humana, resultado dos constantes processos de interação do sujeito com o seu mundo objetivo e subjetivo, que se desenvolve a partir das relações sociais com o seu próprio grupo de origem, como também nas constantes interações com os demais, e que ao longo da sua existência se estabelecem num constante devir.

Nesse contexto, optou-se pelo Estudo de Caso, pois, conforme Lüdke e André (1986, p.17), “quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso”. Dessa maneira, uma outra perspectiva para a apropriação dessa estratégia de pesquisa, é quando ela tem sua origem na necessidade “de entender um fenômeno social complexo” (YIN, 2003, p.1).

Este estudo está inserido no campo dos Estudos Culturais por trazerem no bojo das suas reflexões, questões que dizem respeito às diferenças étnicas, identidades culturais, relações raciais e de gênero, e dos processos de exclusão social, econômica e cultural de grandes extratos de populações historicamente apartadas dos bens socialmente produzidos no seio das nações hegemônicas, incluindo também, questões que envolvem os processos de descolonização das áreas geográficas submetidas ao imperialismo por longos séculos.

Além dos Estudos Culturais buscamos elementos do referencial teórico das Representações Sociais, por se tratar de uma teoria que traz na sua perspectiva a proposta de identificar as formas pelas quais os sujeitos históricos constroem e resignificam suas ações, atitudes, conceitos, formas de ser e fazer próprios da atividade humana no contexto histórico do qual fazem parte, inferindo valores, reflexões e abstrações num processo cognitivo de elaboração do conhecimento.

Nesta pesquisa foram entrevistados 27 adolescentes de ambos os sexos, incluindo dois rapazes, dentre os três matriculados no curso, que através dos seus relatos, apresentaram suas percepções a respeito da identidade afrodescendente dentro de um contexto interativo-sócio-educativo-cultural, bem como suas visões de mundo, valores socialmente construídos, antes e depois de conviverem naquele universo pedagógico-político-cultural.

IDENTIDADE AFRODESCENDENTE E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O processo complexo da construção da(s) identidade(s) se estabelece de forma diferenciada de indivíduo para indivíduo nas próprias contradições históricas, sem falar nos processos de auto-preservação étnica provocados pelas demandas locais, nacionais e internacionais, de guerras interétnicas, até conflitos entre nações que provocam diásporas e, principalmente no nosso caso, a diáspora de africanos, maciçamente promovida pelo tráfico negreiro até meados do século XIX.

Por outro lado, trabalha-se no contexto do “Curso de Corte e Costura Étnica” uma proposta político-pedagógica na perspectiva da (re)construção da identidade afrodescendente de jovens da periferia de Salvador, a partir de um referencial étnico africano, porque não se tem outro ponto de partida, senão essa ancestralidade que deve ser referenciada e reverenciada pelos descendentes da “diáspora”. Dessa forma, uma estética numa linha histórico-cultural africana veio situar aqueles jovens dentro de uma perspectiva da construção da identidade étnica, que até então, para muitos deles, não era perceptível no contexto de uma abrangência maior, como foi proposta pelo curso.

Tomando as referências da cultura africana, emergidas através da proposta curricular concebida pelo curso, os estudantes se reportam aos costumes e heranças africanos quando são remetidas ao conceito de etnia. A presença de contingentes vindos da África, negros, enquanto elementos diferenciadores, trouxeram consigo um referencial cultural próprio que imprimido em nossa civilização. Foi a partir das suas características próprias, e da forma como foram discriminados dentro do contexto colonial brasileiro, assumiram uma identidade racial que também está relacionada ao conceito de etnia.

As representações sobre o conceito de etnia variaram de acordo como cada indivíduo relacionou o termo, como “raça à cultura”, etnia aos costumes dos africanos e as pessoas que vieram da África, os negros. Outros relacionaram etnia a raça, e que faz parte da cultura africana, que também é cultura, e que raça é cultura.

Ao relacionar costura e roupa africana à etnia, os alunos estabeleceram representações dentro da própria dinâmica na qual se encontravam: um curso voltado para a questão étnico-racial, baseado na estética africana. Dessa forma, as indumentárias foram tomadas como referência da cultura africana. Para muitos deles foi uma novidade, e para alguns é a própria “beleza negra” que passa a ser, dessa maneira, um referencial de vida e de profissão.

Como as formas de se vestir e de se embelezar fazem parte do próprio contexto sócio-cultural afro-brasileiro no qual vivemos, em Salvador por excelência, todo esse repertório cultural permeia nosso imaginário e reforça nossa identidade étnico-racial. Esses símbolos também se inserem na forma de conceber e construir referenciais próprios e de vida, através da história e da cultura.

De uma forma geral, quase todas as falas nos contextos apresentados, reportam-se de forma direta e objetiva aos aspectos que caracterizam a etnia o repertório cultural de matriz africana, e nesse caso, particularmente, a indumentária.

Aquelas/es jovens amalgamaram esse referencial desde o primeiro momento em que tiveram contato com a instituição, quando foram selecionadas/os, e lhes foi explicado o que era o curso, e qual a linha estética com que iriam trabalhar.

Durante o curso, e em muitos momentos, reforçou-se a perspectiva temática da confecção étnica africana, além dos modelos que eram pesquisados, e também nos discursos dos professores, na tentativa de “amarrar” o conceito a algo mais concreto, através de uma referência cultural próxima, no caso, as indumentárias afro. Dessa forma, apreende-se que os símbolos culturais são representações, mas que, no momento em que são materializados na sua concretude, tudo fica mais fácil de operacionalizar. Assim, segundo uma participante do curso, “corte e costura étnica é etnia, é construir roupas africanas.”

As experiências são enriquecedoras à medida que o inusitado toma parte do processo. A presença de uma cursista evangélica dentro de uma comunidade-terreiro, o Ilê Axé Jitolú, onde ao mesmo tempo sedia o Bloco Afro Ilê Aiyê, é emblemática na medida em que as diferenças são tangenciadas numa coexistência de universos simbólicos culturais singulares. Mesmo sendo seguidora de uma outra religião, quando foi à sede do bloco efetivar o seu estágio curricular, admirou muito as pessoas com quem lidou durante o período em que permaneceu naquele *ethos* religioso-cultural, onde houve muitas trocas de experiências significativas, que serviu para realçar algo novo na sua construção auto-identitária.

Quanto a sua estada naquele local, ela assim se reporta:

Acho que eu amadureci um pouco mais, porque são experiências diferentes que temos aqui no curso, estamos conhecendo também pessoas diferentes. Para vivenciar a prática mesmo, conheci dona Dete, que é a moça de lá do Ilê. Foi uma convivência muito legal,

porque eu sou uma pessoa cristã, certo? E lá é assim: com pessoas de candomblé geralmente não tem muita aproximação, se afastam. essas pessoas.... Só que eu me senti tão bem com ela, ela foi uma pessoa que me tratou tão bem; e a minha religião e a dela não influenciou em nada, porque eu sou assim: se eu tenho minha religião eu quero que você respeite; você tem a sua, eu respeito a sua, não acho que a sua está errada, nem que a minha está certa, o importante é que todos nós devemos adorar a Deus em espírito e em verdade; eu penso assim.

À medida que vamos analisando os etnotextos, percebemos as suas especificidades, principalmente no que diz respeito ao conceito de etnia e as ambigüidades que dele emanam, por isso, uma representação social “é uma organização de imagens e de linguagens” (MOSCOVICI, 1978, p. 25). Dessa forma, ao abstrair o conceito de etnia, o que não é algo muito fácil, devido a sua complexidade, logo no primeiro contato com o conceito, na primeira entrevista, já eram visíveis os conflitos com o seu significado por parte daqueles jovens sujeitos étnicos.

Uma outra entrevistada ao comparar o curso com um outro que já havia sido realizado, o de costura industrial, achou interessante ter participado do curso, pois, segundo ela, lhe abriu novos horizontes em termos de vida e em termos de auto-identificação com a cultura africana.

Assim, segundo Castoriadis citado por Arruda (1998, p. 18):

Cada sociedade escolhe seu simbolismo, o que não pode ser explicado apenas pelas coerções do real e do racional, e as significações imaginárias têm o papel de responder às indagações a respeito da identidade coletiva. [...] É no fazer de cada coletividade que surge a resposta àquelas indagações, e este fazer social estabelece o trânsito de idéias e práticas entre segmentos diversos, se estabelecendo nele.

O significado do “Curso de Corte e Costura Étnica” tomou dimensões variadas, de forma muito especial no que se apresenta a seguir o seguinte depoimento:

Etnia é raça. O que é raça? O que é ter cultura? Tudo isso. Tudo que tá dentro do que a gente está fazendo, que está produzindo. Aí, tudo isso tem... (a ver) sobre etnia. Dentro da etnia tem isso tudo que a gente tá produzindo, que é a raça africana, a cultura da África. Como eles produziam. Como a produção deles veio pra cá, pro Brasil? Veio através da beleza negra, entendeu? Então veio a beleza negra, de lá pra cá, mas aqui ninguém usa este tipo de roupa que a gente está produzindo, não usa, mas a gente está produzindo para que venha se espalhar essa beleza negra, pra que o povo venha ver que não só existe uma raça, existe várias, principalmente a negra.

A depoente expressa emoção, satisfação e deslumbre sobre o que está fazendo. Para ela, é algo repleto de significações e que é exteriorizado em palavras altamente significativas de uma relação emocional com a atividade na qual está inserida.

Esta é uma concepção mais cultural do conceito de etnia na percepção da cursista, que a considera diretamente ligada à cultura. Para ela, o que estão fazendo no curso é uma produção que tem origem nos valores estéticos africanos e, portanto, tudo isso tem a ver com etnia, está “dentro da etnia” como ela mesma afirma enfaticamente. Os padrões estéticos africanos determinam seu conceito de etnia, estabelecendo uma representação em relação à confecção de estilo africano, e nisto ela vê a beleza negra fazendo parte da etnia. Nesse sentido, percebemos que todo um legado cultural está permeando a forma de pensar e refletir da jovem cursista, além de estar emanando sentimentos e valores pessoais positivos da sua perspectiva de vida e da sua identidade.

Hall, citado por Meyer (1999, p.370), enfatiza que:

Os sentidos e significados que compartilhamos na cultura são construídos constantemente, em variados meios e instituições sociais, através de diferentes processos e práticas, o que implica dizer não só que ‘as coisas’ da cultura que compartilhamos podem ser percebidas, nomeadas, compreendidas e utilizadas de diferentes modos, mas que essas diferenças produzem, também, efeitos diferenciados.

Podemos inferir que a construção das representações do conceito de etnia elaboradas pela jovem, foi resultado das suas percepções e da sua interação com o curso, a partir do seu universo simbólico. Suas interações “sócio-culturais” passaram a incorporar ao seu repertório cultural a beleza negra enquanto uma resultante do que ela pensa sobre etnia.

De acordo com a nossa interlocutora, o conceito de etnia abrange, além da representação de raça, o que está mais precisamente direcionado à cultura africana, incluindo raça enquanto cultura, e a beleza negra enquanto padrão estético que, segundo ela, ninguém conhecia. Ou seja, para ela é algo novo, uma confecção voltada para a cultura africana e a importância dada a essa linha de costura que tem a função de representar a etnia afrodescendente.

A representação étnica dos estereótipos racialmente elaborados na história do racismo também surge entre os discursos dos nossos entrevistados. Percebemos na fala a seguir o resquício de como se concebeu o corpo da mulher negra e que, de alguma forma, se perpetua até hoje. O texto, além de trazer os elementos da cultura africana que, no caso, é a “roupa afro”, traz também uma representação quanto o corpo da mulher negra.

O curso de corte e costura étnica? Acho que corte e costura é roupa afro e vem da África, e vem da cultura africana. Porque o professor falou: ele estava dando aula, o professor (...), ele estava dando curso de étnica, aí, ele falou que eu tenho tudo a ver, porque eu sou morena, sou baixa e tenho o bundão, tenho tudo a ver...

A jovem em questão, além de identificar etnia através da cultura africana, ela também o faz pela indumentária afro. Além disso, ela relaciona sua identidade afrodescendente a uma visão estereotipada das suas características físicas: ser baixa, morena e possuir um quadril grande. A afirmação feita pela jovem deve ser creditada a uma cristalização de como se concebeu e se percebeu essa representação, pois para muitos, e isso ainda faz parte do senso comum, é uma das características das negras de uma forma geral.

Ainda na forma de se auto-representar em relação a categoria etnia, ela utiliza a subcategoria “morena”, que, para Munanga (1999), a mestiçagem cuidou para que os mestiços saíssem pela tangente da “morenidade” para escapar do rótulo de negro, provocando dessa maneira um gradiente de cores enquanto mecanismo de embranquecimento, uma característica “camaleônica”.

As acepções do conceito de etnia são variadas e estão relacionadas às mais diferentes informações e concepções. Alguns têm informações anteriores trazidas de salas de aula, outros nunca tiveram tido contato com o termo, e todos terminam fazendo suas próprias constatações resultantes do aprendizado obtido no curso.

Uma outra entrevistada nos relata que aprendeu com a professora, na escola, que na Bahia só havia a etnia africana. Que o baiano é um povo originado de uma única etnia, a africana. Entretanto, em contato com os pressupostos epistemológicos do curso, re-elaborou sua forma de ver sobre a questão étnica quando afirma:

Aprendi que etnia, assim: é uma raça que tem costume, tem cultura e muitas outras coisas. Antes, a professora informava que só havia uma etnia, assim, só havia de africanos, que na Bahia só tinha pessoas afro, mas agora não, eu sei que não só pessoas descendentes de africanos, tem japonês e de outros estados.

A ocorrência da subcategoria “etnia africana” é uma evidência da própria realidade na qual viveram, e o resultado das experiências promovidas pela entidade, onde passaram um longo tempo interagindo com esse conceito, seja empírica ou subjetivamente. Entretanto, o conceito de etnia não está exclusivamente direcionado a uma única etnia. Apareceram enunciados sobre a etnia portuguesa e a etnia indígena, assim como a raça branca, negra e índia. São representações variadas, porém pertinentes dentro do contexto específico que foi a proposta do curso. Assim, podemos compreender que, através do que os construtivistas chamam de

“ancoragem”, os nossos entrevistados puderam estabelecer relações com o conceito de etnia que passou a fazer parte do seu universo cultural.

Nesse sentido, segundo Woodward (2000, p.17)

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos, inclusive, sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.

A categoria afrodescendente aparece relacionada à etnia apenas uma vez, e, exatamente, a uma ascendência africana. A patri ou matrilinearidade afrodescendente é o fio condutor de uma referência étnica africana. Esta aparição única tem relação com o fato de que essa categoria está emergindo para uma nova construção de uma “velha” identidade, mas que esse fenômeno está no contexto da “metamorfose” pela qual as identidades são construídas, por isso, ainda não está solidamente construída e nem mesmo socializada. O uso dessa categoria auto-identitária, por enquanto, está limitado apenas aos discursos de alguns movimentos negros ou acadêmicos, em que esta denominação é mais usual e freqüente.

Com relação a etnia enquanto representação da identidade afrodescendente, apenas uma garota expõe como interagiu pela primeira vez com essa categoria, estabelecendo uma identidade afrodescendente para os brasileiros. Quando perguntada a respeito de etnia, ela se posiciona da seguinte maneira:

Etnia, eu não sei explicar, mas a África, por exemplo, é relacionada a etnia, os costumes, as roupas que eles usam, é o que eu aprendi, eu não sabia que existia essas coisas diferentes, e aqui eu aprendi que etnia, eles, aqui, os brasileiros, nós somos afrodescendentes, mas tem muitas pessoas que não aceitam isso.

Como “afrodescendente” ainda é uma identidade em construção (FERREIRA, 2000), sua assimilação por parte, inclusive, dos militantes dos movimentos negros é nova e, como tudo é construído historicamente, esse novo referencial identitário está, passo a passo sendo construído e abstraído por muitos dos descendentes de africanos.

CONCLUSÕES

Ao fazer uma releitura de si e do outro, num processo dinâmico e de constantes novas interações, os sujeitos expressaram suas representações sociais de mundo e de si, e para tanto, usam os mais diversos elementos constituintes dessas

percepções, que permeiam seus imaginários e seu mundo simbólico, numa constante dialética entre o presente e o passado, entre o “velho eu” e o “novo eu”.

A construção da identidade enquanto processo que se estabelece no constante contato com o(s) outro(s) num infinito devir, (re)elabora formas de ser, ver e pensar dos indivíduos como resultado das interações sociais.

Esta experiência vivido-concebida pelos atores sociais no CONGO - CENTRO MÉDICO SOCIAL através de uma proposta político-educacional-multicultural, nos fez concluir ser possível desenvolver ações coletivas no sentido de consolidar uma democracia racial e lutar pela conquista da cidadania dentro dos princípios fundamentais da ética e do respeito mútuo. O outro deve ser tomado, sempre, enquanto singular e dentro de um contexto multicultural, valorizando a todos nas suas especificidades e multirreferencialidades constitutivas de suas identidades.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARRUDA, Ângela. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro – Negociando a diferença. In: _____. (Org.). Representando a alteridade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. cap.1, p. 17-46.

CIAMPA, Antônio da C. A estória do Severino e a História da Severina. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FERREIRA, Ricardo F. Afro-descendente: identidade em construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

LÜDKE, Menga; **ANDRÉ**, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MEYER, Dagmar E.E. Alguns são mais iguais que os outros: etnia, raça e nação em ação no currículo escolar. In: **SILVA**, Luiz. H. da. (Org.) A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

WOODWARD, Kathryn . Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **SILVA**, Tomaz. T. da (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. cap. 1, p.7-72.

YIN, Rober K. “Case study research: design and methods”. Tradução e síntese de Ricardo Lopes Pinto e adaptação de Gilberto de Andrade Martins, 2003. Disponível em <http://www.eac.fea.usp.br/metodologia.referencias>.